

**“ERA MARIA VAI COM AS OUTRAS; MARIA DE COZER, MARIA DE CASAR”:
UM ESTUDO ENUNCIATIVO SOBRE A DESIGNAÇÃO GENÉRICA
PRODUZIDA A PARTIR DE NOMES PRÓPRIOS**

Danusa Lopes BERTAGNOLI

Professora Responsável: Mónica Graciela Zoppi Fontana

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar parte do estudo² que temos desenvolvido sobre algumas expressões do português brasileiro construídas a partir de nomes próprios considerados corriqueiros, como *Maria* e *José (Zé)*, para se referir a determinados “tipos de pessoas” ou comportamentos sociais. Nossa análise foi feita a partir de dois procedimentos. Inicialmente apresentaremos a descrição morfosintática dessas expressões, e em seguida, sua análise semântico-enunciativa, a partir dos *processos de reescrituração* e do *Domínio Semântico de Determinação (DSD)*, tal como propostos por Guimarães (2007). Apresentaremos a análise de apenas duas, das dez expressões³ por nós recortadas, uma com o nome feminino *Maria* e a outra com o nome masculino *Zé (José)*, a saber, *maria gasolina* e *zé ninguém*. **Palavras-chave:** semântica, enunciação, genericidade, nome próprio

INTRODUÇÃO

Nosso interesse em estudar as expressões construídas a partir de nomes próprios surgiu da observação da grande quantidade de expressões dessa natureza que encontramos na língua, bem como a sua produtividade e as suas diferentes possibilidades de composição. Se tomarmos o nome *Zé*, por exemplo, podemos construir inúmeras expressões, tais como *zé ruela*, *zé perfeito*, *zé dorminhoco* etc. Percebemos também que, parece haver nestes qualquer propriedade que permite a formação de tais expressões. Entretanto, acreditamos que esta propriedade está na língua posta em funcionamento na enunciação, envolvendo assim não só questões estruturais da ordem da língua, mas também questões relativas ao acontecimento da enunciação, bem como questões relativas à história que permeia a formação e a circulação desses nomes.

¹ Trecho retirado da música “Maria vai com as outras” de Toquinho e Vinícius de Moraes.

² Este trabalho é parte da monografia/iniciação científica de mesmo título, que vem sendo desenvolvida desde fevereiro de 2011, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Unicamp, sob orientação da Profa. Mónica Graciela Zoppi-Fontana. A iniciação científica tem o apoio financeiro da Fapesp (Processo nº 2010/17344-6).

³ No trabalho original, selecionamos as seguintes expressões: *maria gasolina*, *maria chuteira*, *maria parafina*, *maria tatame*, *maria-vai-com-as-outras*, *zé-ninguém*, *zé-povinho*, *zé mané*, *zé graça* e *zé ruela*.

Esse fenômeno em que um nome próprio deixa de designar um indivíduo para funcionar como um nome comum é chamado por Henriques (2004) de *eponímia* que, segundo ele, consiste em uma relação constituída por um processo metonímico a partir de nomes de pessoas e significações que ainda não têm um significante correspondente (caso nomeação de doenças na medicina) ou por um processo metafórico (caso de “camões” para designar qualquer ser caolho). Nos dois casos esse processo se estabelece a partir da relação com o antropônimo que lhe deu origem. Entretanto, casos como *maria-vai-com-as-outras* e *zé-ninguém* são epônimos com características um pouco diversas, chamados pelo autor de “epônimos anônimos”, visto que não identificam nenhuma pessoa real ou imaginária. A análise de Henriques traz para nós questões relevantes, entretanto, entendemos que os efeitos de sentido produzidos por estas expressões devem ser descritos analisando seu funcionamento no acontecimento enunciativo. Por isso, inscrevemos nossa análise na Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002), como mostraremos a seguir.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tomamos como base teórica a Semântica Enunciativa, mais especificamente os conceitos produzidos pela Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002). Interessa-nos desta abordagem a cena enunciativa em que se inscreve a produção dessas expressões, o funcionamento do nome próprio e o conceito de Domínio Semântico de Determinação.

A Semântica do Acontecimento traz alguns conceitos importantes para nossa análise, entre eles, a noção de acontecimento e agenciamento enunciativo, bem como a relação do sujeito com o simbólico. Guimarães (2002) discorda da centralidade do sujeito proposta por Benveniste e afirma que a enunciação é um acontecimento e não uma apropriação que o sujeito faz da língua. Dessa forma, não é o sujeito que determina e organiza a temporalidade da enunciação, mas é o próprio acontecimento que instaura sua temporalidade. Além disso, este acontecimento está inscrito na história e é por ela determinado, pois evoca sempre um memorável (passado) e projeta uma futuridade.

Ao discordar de Benveniste, Guimarães reestrutura também assim, a própria noção de falante ao afirmar que este se constitui por uma relação política com a língua. Trata-se não de um sujeito empírico, mas de uma figura política constituída por um espaço de enunciação dividido. Este espaço de enunciação é dividido, pois nele circulam diferentes línguas que estão em disputa o tempo todo a partir de uma relação de poder. Essa divisão é marcada por uma hierarquia de identidades e se dá não só na relação dos falantes com as línguas, mas também na disputa pelo dizer entre os falantes dessas línguas. Trata-se do agenciamento enunciativo.

O agenciamento enunciativo é configurado politicamente, determinando “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”, permitindo assim a distribuição dos lugares de dizer que são estabelecidos pela própria temporalidade do acontecimento, e que constituem assim a *cena enunciativa*. Esta, por sua vez, é formada por um lado dos *lugares de enunciação* e por outro dos *lugares de dizer*. Os *lugares de enunciação* dizem respeito aos *lugares sociais* a partir dos quais o Locutor fala e ele só pode produzir seu enunciado enquanto predicado deste lugar social. Já os *lugares de dizer* ocorrem no acontecimento

enunciativo nos quais justamente este lugar social não é representado: o *Locutor* se representa como lugar de dizer simplesmente, chamado por Guimarães de *enunciador*. Estes enunciados em que se apaga o lugar social se caracterizam por se representarem como se estivessem fora da história.

Temos interesse em produzir uma descrição da cena enunciativa para podermos observar as questões relativas ao processo de nomeação que caracteriza a atribuição ou utilização do nome próprio, bem como para compreender os diferentes espaços em que são produzidas as definições para as expressões estudadas aqui, visto que estamos trabalhando com dois espaços de definição distintos⁴. Assim, poderemos observar se a maneira como as expressões são definidas pelos falantes é a mesma ou se difere em relação à maneira pela qual os lexicógrafos o fazem.

Por fim, outro conceito importante trazido por esta teoria que constitui nosso mecanismo de análise é o conceito de *Domínio Semântico de Determinação* (doravante DSD). Para Guimarães (2007), conhecer o sentido de uma palavra é estabelecer seu DSD, sendo que este é caracterizado por ser uma relação entre *determinante* e *determinado* que é construída no acontecimento da enunciação. Assim, para o autor, a significação daquilo que é externo à língua só é possível a partir de relações internas a ela, mais especificamente, a partir de uma relação entre as palavras. Para estabelecer o DSD de uma palavra é preciso analisar dois tipos de procedimentos de determinação: *reescrituração* e *articulação*. O primeiro é o processo pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. (GUIMARÃES, 2007: p. 84).

Segundo o autor, este procedimento aciona a operação, chamada por ele de predicação, que não é a relação própria ao enunciado ou à sentença, mas uma operação na qual uma expressão se reporta a outra, podendo ser por: repetição, substituição, elipse, expansão, condensação, definição, sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração. Esta operação se mostra muito interessante na medida em que esta retomada se dá sobre uma forma que parece ser a mesma, mas ao ser retomada é significada de outro modo.

O outro processo envolvido, a *articulação*, se dá a partir de relações próprias das contigüidades locais e podem ser de três tipos: dependência, coordenação e incidência. As articulações podem ser internas a um enunciado ou se dar na relação entre eles, constituindo assim uma relação de integração em um texto. (Guimarães, 2009). Entretanto, elas devem sempre se reportar ao processo de reescrituração. É importante destacar aqui que, para o autor, um DSD não é um modo de organizar o mundo, ou seja, organizar a cognição, mas a caracterização de como, no acontecimento da enunciação, uma língua se movimenta ao funcionar. A relação da linguagem com as coisas é construída por uma determinação enunciativa, que os DSDs descrevem e interpretam (Guimarães, 2007).

⁴ Utilizaremos definições para estas expressões produzidas por usuários da internet encontradas por nós nos sites indicados no tópico “Constituição do Corpus”.

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA

Visto que as expressões genéricas de que temos falado se dão na linguagem oral ou coloquial, utilizamos como material de análise textos em que esta modalidade está presente, mais especificamente, os títulos e descrições⁵ de algumas comunidades do site de relacionamentos *Orkut* (www.orkut.com) que se reportam às pessoas que são designadas por essas expressões. Para esta apresentação selecionamos as comunidades *Odeio Maria gasolina!* e *Eu sou um Zé Ninguém*. Assim, trabalharemos com os nomes que recebem e suas definições espontâneas, que aparecem no espaço de descrição da comunidade. Para a descrição morfofossintática, utilizamos títulos de outras comunidades, além das citadas acima.

Trabalhamos também com as definições produzidas por dicionários, a partir da seleção de dois espaços de definição: um dicionário colaborativo da internet⁶ em que qualquer pessoa pode produzir definições e um dicionário de gírias⁷, produzido por um profissional da linguagem. Assim, poderemos perceber as diferenças entre as definições espontâneas produzidas na internet e as definições regradas pelo modo de se produzir dicionários, enquanto espaço pleno da definição.

ANÁLISE E DESCRIÇÃO MORFOSSINTÁTICA

Antes de procedermos à descrição e análise das estruturas que compõem essas expressões, faremos uma breve exposição sobre algumas questões que envolvem o processo de formação de palavras que determina esta produção: a composição. Segundo Basílio (2007) o processo de composição é definido pela sua estrutura, que evidencia o modo pelo qual cada uma das bases se junta para formar a nova palavra, sendo que essa “junção” não se dá de forma aleatória. Há uma hierarquia entre as duas bases, sendo que uma funciona como *núcleo da construção*, enquanto a outra funciona como um *modificador, especificador* ou *qualificador*.

Analisando a formação das duas expressões recortadas (*maria gasolina* e *zé ninguém*), observamos duas possibilidades de composição: “nome próprio + nome comum” e “nome próprio + pronome indefinido”, respectivamente. No caso de *maria gasolina* observamos que o nome comum estabelece uma relação metonímica com aquilo que define o status social do homem com o qual a mulher designada pela expressão irá se relacionar, seja pela posse de um objeto valorizado, seja pela profissão que este homem tem. . Neste caso, temos *gasolina* enquanto parte de carro (objeto que determina a escolha do homem com a qual essa mulher irá se relacionar).

⁵ Por julgarmos que o modo como as expressões genéricas são grafadas pelos usuários da Internet são relevantes para nossa descrição morfofossintática, mantivemos a grafia original dos textos que constituem o corpus.

⁶ Dicionário inFormal disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

⁷ Dicionário de Gíria. Modismo Linguístico. O Equipamento Falado do Brasileiro. JB Serra e Gurgel. Brasília. 2005.

Em relação à expressão *zé ninguém* identificamos a composição entre o nome próprio e o pronome indefinido “ninguém”, que já diz muito sobre o conjunto de indivíduos designados pela expressão. Ela é utilizada para designar pessoa simples, sem importância social. Percebemos aqui mais uma vez que a segunda palavra que compõe a expressão indica a característica a ser atribuída, neste caso, o anonimato, funcionando, ao contrário do que ocorre com *maria gasolina*, não pela posse, mas pela falta: a falta de importância social marcada pelo pronome indefinido “ninguém”. Há inclusive uma expressão no português brasileiro que marca justamente uma situação oposta. Dizemos muito “ser alguém na vida”, para falar da importância de se conseguir uma posição social melhor, em que o pronome definido “alguém” indica notoriedade social, enquanto “ninguém”, por oposição, designa aquele que não tem posição social nenhuma. Vemos mais uma vez que o segundo termo (o pronome indefinido) especifica entre o conjunto de homens ou de pessoas aqueles/aquelas que não têm status social.

Retomando então a questão apontada por Basílio (2007) sobre a função que cada termo tem na estrutura composta, podemos dizer que nas expressões analisadas acima, o *nome próprio* constitui o *núcleo* do composto na primeira posição, enquanto o *nome comum* e o *pronome indefinido* especificam e qualificam o núcleo da construção, particularizando assim um conjunto de indivíduos. Para a expressão *maria gasolina* o primeiro termo *maria* designa a classe genérica de mulheres, enquanto o segundo termo *gasolina* especifica *as mulheres que se relacionam com homens que possuem carro*. Já na expressão *zé ninguém* o núcleo designa a classe genérica de homens e o segundo termo especifica os homens designados como *os homens que não têm notoriedade social*.

Para descrevermos o funcionamento sintático dessas expressões, utilizamos os enunciados que dão nome às comunidades do site de relacionamentos *Orkut*, selecionadas para esta pesquisa. A maioria desses nomes tem estruturas semelhantes, já que elas têm mais ou menos as mesmas finalidades, entre elas, a de declarar amor ou ódio aos indivíduos designados pelas expressões genéricas ou de se identificar como um desses indivíduos. Apresentamos abaixo os enunciados que nomeiam algumas comunidades relacionadas às expressões *maria gasolina* e *zé ninguém*:

- (1) Meu bairro tem *maria gasolina*/Eu conheço *um zé ninguém*
- (2) Eu tenho *amigos MARIA GASOLINA*/Eu tenho *um amigo Zé ninguém*
- (3) Sou *Maria Gasolina*, e daí?! Eu sou *um Zé Ninguém*
- (4) *TIRA O OLHO MARIA GASOLINA*/ Escuta, *Zé Ninguém!*

Percebemos nestes enunciados que em (1) as expressões constituem o objeto direto dos verbos “ter” e “conhecer”; em (2) as expressões desempenham a função de adjunto adnominal; em (3) de predicativo do sujeito e em (4) de vocativo⁸. A partir dos dados apresentados, podemos dizer que trata-se de *expressões nominais* que, construídas a partir de um nome próprio + nome comum/pronome, designam um conjunto de indivíduos a partir de seu comportamento social.

⁸ Encontramos também em nossa pesquisa, as designações genéricas na posição de sujeito da oração, o que não foi possível mostrar aqui, pois não há nenhuma ocorrência com as duas expressões recortadas.

Também nos chama atenção o fato de que essas expressões parecem não se flexionar nem em número, nem em gênero, além de poderem funcionar tanto para homens quanto para mulheres em alguns casos, independentemente do gênero do nome próprio que compõe a expressão. É o caso, por exemplo, do título *Eu tenho amigos MARIA GASOLINA*, em que podemos observar estes dois aspectos: apesar do sujeito ser masculino plural a expressão é construída com o nome feminino e está no singular.

Dessa forma, percebemos que as designações genéricas construídas a partir de nome próprio parecem não seguir as regras de concordância da língua, podendo ser empregadas como formas “fixas”, no sentido de não serem flexionadas⁹. Entretanto, como veremos na análise semântica, expressões como *maria-gasolina* são usadas na grande maioria dos casos para designar mulheres. A falta de concordância de gênero nos faz pensar que a diferença de uso dessas expressões para designar homens ou mulheres não é determinada pela estrutura ou gramática da língua, mas por fatores externos a ela. Em relação à falta de concordância de número, podemos pensar que ela se enquadra em um processo mais amplo do português brasileiro de, geralmente, suprimir a concordância de plural na produção oral.

COMO CLASSIFICAR ENTÃO AS DESIGNAÇÕES GENÉRICAS?

Como pudemos observar a partir da análise sintática dos enunciados em que aparecem as designações genéricas estas se caracterizam por ser uma *expressão nominal* que designa um conjunto de indivíduos que partilham de determinada característica. Em relação aos aspectos morfológicos dessas expressões, foi possível perceber certa variedade na posição de termo especificador na qual um elemento se liga ao nome próprio, sendo que este permanece estável (termo genérico).

Dessa forma, parece-nos que as designações genéricas produzidas a partir de nomes próprios funcionam da seguinte maneira: o nome próprio seja ele *Maria* ou *Zé*, funciona como uma base fixa à qual podem se ligar elementos de diversas naturezas (como vimos: nome comum e pronome indefinido, podendo ainda ocorrer nesta posição um nome próprio e um sintagma verbal). Por isso, propomos a seguinte fórmula: *nome próprio-x*, na qual o *nome próprio* ocupa a posição de termo genérico e *x* ocupa a posição do termo específico, podendo ser qualquer um dos elementos elencados acima.

⁹ Lodovici (2007) ao trabalhar com a questão das expressões idiomáticas afirma que estas não podem ser consideradas fixas, pois podem ter seus sentidos deslocados e serem recompostas morfossintaticamente nas diferentes cenas idiomáticas. Da mesma forma, acreditamos que as designações genéricas não são expressões fixas, mas apenas apontamos a tendência de que o gênero do nome próprio que compõe a expressão não necessariamente irá concordar com o gênero do sujeito, o que nos permite dizer que o gênero gramatical do nome não é determinativo em relação aos sujeitos que a expressão genérica irá designar.

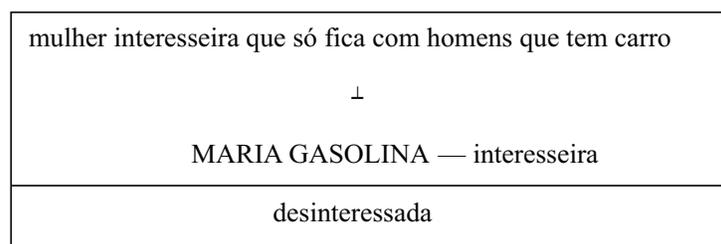
Em relação à grafia, pudemos perceber nos dados analisados que há certa confusão em como representar graficamente as designações genéricas, podendo aparecer com o nome próprio em letra maiúscula, os dois elementos em maiúscula ou os dois em minúscula. Também no *Dicionário inFormal*, foi possível observar que muitas vezes as definições trazem a classificação gramatical da expressão e em todas elas essas expressões são classificadas como nome próprio. Isso nos leva a pensar que, para o falante, a existência de um nome próprio na expressão se mostra mais relevante do que a função que ela cumpre no enunciado que, como já mostramos, não é mais a de particularizar uma referência definida e singular, mas de designar um conjunto de indivíduos. Outro problema em relação à grafia é se as palavras que compõem a expressão devem ou não ser ligadas por hífen.

ANÁLISE SEMÂNTICA DAS EXPRESSÕES A PARTIR DE SEU DSD

Passemos então à análise do modo como essas expressões são reescrituradas nas definições produzidas pelo *Dicionário InFormal*¹⁰, através da constituição de seu DSD. Começemos pela expressão *maria- gasolina*:

maria-gasolina: Sinônimos: interesseira. Antônimos: desinteressada. Palavras relacionadas: maria, maria-vai-com-as-outras, maria-maçaneta. Mulher interesseira que só fica com homens que tem carro. – *Com esse carro novo que eu comprei eu vou pegar todas as maria-gasolina da faculdade.* Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2006. (Dicionário inFormal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 24/09/2010).

Nesta definição temos que *maria-gasolina* é reescrita por *sinonímia* “interesseira” e por *antonímia* “desinteressada”. É também reescrita por *substituição* “maria”, “maria-vai-com-as-outras” e “maria-maçaneta”. A expressão é reescrita ainda por *definição* em “mulher interesseira que só fica com homens que tem carro”, e por *repetição* no exemplo dado na definição “as maria-gasolina” ou ainda por *totalização* se recortarmos o sintagma inteiro “todas as maria-gasolina”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para *maria-gasolina*:



Temos neste DSD que *maria-gasolina* é determinada por *mulher interesseira que só fica com homens que tem carro* (que é também uma reescritura por especificação de

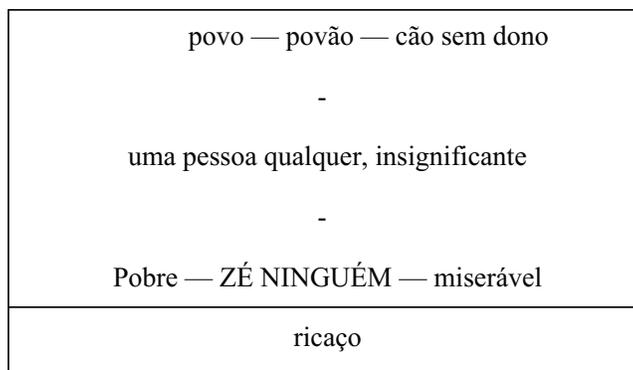
¹⁰ Devido ao espaço destinado a este trabalho, apresentaremos a análise semântica apenas das definições produzidas pelo Dicionário Informal.

interesseira) e se opõe a *desinteressada*. Através deste DSD, podemos perceber que na medida em que a definição reescreve a expressão *maria-gasolina* ela produz novos sentidos sobre aquilo que seria o mesmo. Vemos também que este enunciado recorta o memorável da mulher interesseira, que vive de dar o “golpe do baú” nos homens, que só se relaciona com eles e precisa deles para ter ascensão social, etc.

Vejam agora a designação genérica produzida a partir do nome próprio masculino *José*, ou melhor, de sua redução *Zé: zé-ninguém*. Através desta análise será possível perceber que, para o nome masculino está recortado um outro memorável, o de falta de importância ou status social como mostraremos a seguir.

zé ninguém: Classificação morfossintática: [zé ninguém] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** miserável, pobre. **Antônimos:** rico. **Palavras relacionadas:** povo, povão, cão sem dono. Uma pessoa qualquer, insignificante. “... *Eu sou do povo, eu sou um zé ninguém, Aqui embaixo, as leis são diferentes...*” *Biquini Cavadao*. Enviado por Marcelo (SP) em 05-03-2007. (Dicionário inFormal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

Nesta definição, a expressão *zé-ninguém* é reescrita por *definição* em “uma pessoa qualquer” e por *sinonímia* em “insignificante”. Depois é reescrita por *expansão* através do exemplo “Eu sou (alguém) do povo” e por *repetição* “Eu sou um zé ninguém”. É também reescrita por *sinonímia* em “miserável” e “pobre” e por *antonímia* em “rico”. É reescrita ainda por *substituição* em “povo”, “povão” e “cão sem dono”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão *zé-ninguém*:



Neste DSD vemos que a expressão *zé-ninguém* é determinada por uma *pessoa qualquer, insignificante*, que por sua vez é determinada por *povo*, que por sua vez é sinônimo de *povão e de cão sem dono*. É também sinônima de *miserável* e de *pobre*, além de se opor a *rico*.

A partir da análise de como a expressão *zé ninguém* é reescriturada e de seu DSD, podemos dizer que o memorável recortado pela expressão funciona pela *falta* e não pela *posse* - ou com a projeção futura da posse do homem ou do que a ele pertence (futuridade) - ao contrário do que acontecia com as expressões com o nome *Maria* (exceto *maria vai com as outras*). Este memorável é determinado pelo discurso capitalista que supervaloriza o *ter* em detrimento do *ser*. Nesta formação discursiva, ter status ou ter posição social é

extremamente valorizado, principalmente no universo masculino. Podemos ver funcionar este memorável a partir da relação de semelhança que se estabelece entre *zé ninguém* e *povo* através da reescritura, ao mesmo tempo que a expressão se opõe a *ricaço*.

DESCRIÇÃO DA CENA ENUNCIATIVA

Como já dissemos, selecionamos para este estudo dois espaços definidores bastante distintos entre si, com o objetivo de identificar como se configura a cena enunciativa nestes dois modos de definir. Temos assim um *dicionário de gírias*, produzido por um profissional da linguagem que, em princípio, estaria autorizado a falar sobre ela e um *dicionário colaborativo da Internet*, produzido não mais por um profissional da linguagem, mas por todo e qualquer falante que queira falar sobre a língua que o constitui.

A análise de dois espaços definidores distintos se mostra bastante interessante, pois nos permite refletir sobre o imaginário que se tem do dicionário enquanto instrumento linguístico. Segundo Elias de Oliveira (2006) a relação que se estabelece entre o dicionário e os falantes é marcada por uma divisão entre o *objeto que encerra o saber* e o *sujeito do não-saber*, não permitindo assim qualquer dúvida ou questionamento desse sujeito em relação ao objeto. Podemos observar esta relação no modo como se configura a cena enunciativa em que se inscreve o dicionário, que se representa como um *enunciador-universal*, colocando-se no lugar de uma verdade absoluta e apagando-se toda e qualquer determinação histórica.

Entretanto, por mais que o dicionário tente apagar qualquer referência ao social, a mesma autora nos lembra que este deve ser tomado como um texto que é constituído e determinado por relações históricas. Neste sentido, observar os diferentes modos como se configuram as cenas enunciativas dos dois dicionários em questão, nos permite perceber diferentes modos de dizer aquilo que seria o mesmo, mostrando muitas vezes, ainda que de forma velada, algumas relações sociais como o *preconceito de gênero e de classe*, conforme mostraremos a seguir. Além disso, concordamos com esta autora quando assume que o dicionário pode *não só nos contar algo da palavra, mas também nos permitir flagrar modos de dizer a sociedade na qual ela funciona*. (Elias de Oliveira, 2006: p. 20)

Para configurar a cena enunciativa aí colocada, trazemos além dos verbetes apresentados na seção anterior, os verbetes do Dicionário de Gírias que definem as expressões *maria gasolina* e *zé ninguém*, para que possamos observar as semelhanças e diferenças que constituem a cena enunciativa destes dois espaços definidores. Começemos pelas definições da expressão *maria gasolina* que aparece nos dois dicionários:

maria gasolina mulher que namora motorista ou garoto que tem carro importado ou muito bonito. “A piranha é uma tremenda maria gasolina”. (Dicionário de Gírias, pp. 474).

maria-gasolina: Sinônimos: interesseira. Antônimos: desinteressada. Palavras relacionadas: maria, maria-vai-com-as-outras, maria-maçaneta. Mulher interesseira que só fica com homens que tem carro. – *Com esse carro novo que eu comprei eu vou pegar todas as maria-gasolina da faculdade*. Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2006. (Dicionário inFormal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 24/09/2010).

Observamos que os dois enunciados que constituem a definição da expressão se estruturam a partir do uso do hiperônimo “mulher” mais uma oração relativa “que namora/ fica com x”, sendo que x neste caso é *o homem que tem carro*, mas pode ser *jogador de futebol, surfista, lutador*, nas definições das outras expressões com o nome *Maria*. O hiperônimo utilizado é o primeiro fato que nos chama a atenção, pois ao contrário da maior parte das definições que tenta abarcar de forma mais ampla possível o conjunto de pessoas designadas utilizando os hiperônimos “pessoa” ou “indivíduo”, temos aqui uma restrição a um grupo específico: o grupo das mulheres. Ao trazer esta restrição, o dicionário nos mostra que tal designação pode ser atribuída apenas a mulheres, sendo impensável utilizá-la para nomear homens.

Outra questão que nos chama a atenção é a diferença na escolha dos verbos que constituem a predicação da mulher designada pela expressão. No primeiro caso temos o verbo “namorar”, que reflete a busca do efeito de neutralidade que o dicionário pretende ter, já que atenua a carga semântica negativa que traz a expressão *maria gasolina*, visto que “namorar” pressupõe a existência de um envolvimento amoroso. Já o *Dicionário inFormal* usa o verbo “ficar” que não pressupõe um envolvimento amoroso, o que marcaria mais fortemente o interesse material da mulher em se relacionar com homens que têm carro.

Por fim, observamos também que, por mais que o *Dicionário de Gírias* busque este efeito de neutralidade, este é quebrado no exemplo dado ao produzir uma equivalência entre “piranha”, termo frequentemente usado para designar mulheres com uma conduta sexual mais liberal (comportamento fortemente condenado socialmente) e “maria gasolina”, produzindo assim uma apreciação de valor sobre a expressão. Esta apreciação aparece também no exemplo do dicionário informal ao utilizar o verbo “pegar” que marca mais fortemente uma relação entre homens e mulheres sem qualquer envolvimento amoroso.

Passemos então à expressão *zé ninguém* a fim de observarmos e identificarmos as possíveis diferenças em relação à cena e aos memoráveis recortados em comparação com a expressão anterior.

zeninguém pessoa sem expressão. “*Tadim* delezim, é um zeninguém, num ta com nada”. **zé ninguém** (BR, PT) vide zeninguém, pessoa sem importância. “O cara é um zé ninguém, é f.”.
zé ninguém: Classificação morfossintática: [zé ninguém] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** miserável, pobre. **Antônimos:** ricoço. **Palavras relacionadas:** povo, povão, cão sem dono. Uma pessoa qualquer, insignificante. “... *Eu sou do povo, eu sou um zé ninguém, Aqui embaixo, as leis são diferentes...*” *Biquini Cavadao*. Enviado por Marcelo (SP) em 05-03-2007. (Dicionário inFormal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

A partir das definições apresentadas acima, podemos observar que o hiperônimo utilizado é sempre “pessoa”, ampliando assim a classe de indivíduos particularizados por estas designações e apagando assim as diferenças de gênero observadas anteriormente. Entretanto, percebemos que há um outro memorável sendo recortado nesta cena, não mais relativo à diferença de gênero, mas à diferença de classe social, como podemos ver na definição do Dicionário Informal em que aparece a palavra “povo” como uma palavra relacionada, além de aparecer no exemplo. Observamos que “povo” aparece aqui não só como a massa, mas como sinônimo de uma classe social menos abastada, possível de perceber através da sinonímia que se estabelece com as palavras “pobre” e “miserável”, em oposição a ricoço.

Vemos assim que, se antes tínhamos um memorável funcionando pela posse de status social do homem com o qual alguma das várias *marias* pode ser relacionar, vemos que o memorável recortado aqui funciona pela falta. Nos dois casos, percebemos que o que determina fortemente estes dois memoráveis é o discurso capitalista que marca as pessoas ou valoriza sempre o *ter* em detrimento do *ser*. Só tem importância aquele que tem algo, no caso da *maria gasolina* o carro que indica a classe social. Sendo o *zé ninguém* alguém do povo, ou seja, uma pessoa que pertence à classe dos pobres, ele não terá, neste discurso capitalista, qualquer importância ou expressão. Esta falta de status é frequentemente marcada na definição pela preposição “sem” (sem importância, sem expressão), ou ainda pelo uso de sinônimos altamente pejorativos (miseráveis e insignificantes).

Após apresentar algumas questões relativas ao modo como são estruturadas algumas das definições com as quais estamos trabalhando e os memoráveis que estes enunciados recortam, podemos dizer que estes dois espaços de definição configuram duas cenas enunciativas distintas. De um lado temos o *Dicionário de Gírias* que se constitui como um instrumento lingüístico de registro de parte do léxico, mais especificamente, de um léxico considerado como “gíria”, no qual há um *Locutor (L)* que fala do *lugar social de lexicógrafo (l-lexicógrafo)*, pois ele só pode falar enquanto predicado deste lugar social. É este lugar que lhe dá autoridade para falar sobre a língua, para produzir o dicionário, a partir do discurso de neutralidade da ciência, com o objetivo de apenas descrever a língua.

Vemos assim funcionar um *enunciador universal* que apaga este lugar social do *Locutor*, produzindo um dizer que é o dizer da ciência, submetido à relação de verdadeiro ou falso. Entretanto, observamos que este dizer sustentado no discurso da ciência “neutra” é rompido nos exemplos que aparecem nos verbetes. Vemos então nestes enunciados funcionar um outro lugar de dizer que não é mais o da ciência, mas o de um consenso. Temos assim nos exemplos a presença de um *enunciador-genérico*, pois já não é mais a ciência que diz, mas um “todos” para o qual não se pode mais identificar a origem. Através deste lugar de dizer, vemos aparecer questões como o *preconceito de gênero*, por exemplo, ao se produzir a equivalência entre *maria gasolina* e *piranha* ou ainda de *classe*, ao se marcar determinado modo de falar como característico de um grupo social como o uso de *tadim* por *tadinho*, para marcar a fala do pobre, designado pela expressão.

De outro lado temos o *Dicionário inFormal*, produzido não mais por um *lexicógrafo*, mas por todo e qualquer falante que queira produzir uma definição. Ainda que este dicionário se proponha a ser um espaço de definição regrado, marcado por uma estrutura bastante similar à do dicionário tradicional, entendemos que o *Locutor (L)* que produz a definição não pode falar do lugar social de *lexicógrafo*, tal como no *Dicionário de Gírias*, já que não é autorizado a falar deste lugar. Sendo assim, podemos dizer que temos nesta cena um *Locutor (L)* que fala do *lugar social de falante¹¹ da língua que fala (l-falante)*, sendo autorizado a falar dela somente por este motivo.

¹¹ Consideramos aqui a noção de falante tal como é proposta por Guimarães (2002), em que não se trata da pessoa ou indivíduo que desempenha a atividade fisiológica ou psicológica de falar, mas de uma *categoria lingüística e enunciativa* que é tomada por agenciamentos enunciativos configurados politicamente.

Dessa forma, aquele que em princípio não estaria autorizado a falar sobre a língua (o falante) ou a produzir uma definição, simula enunciar do lugar social de lexicógrafo, principalmente através da utilização da estrutura característica do verbete lexicográfico, como já descrevemos acima. Ao simular falar deste lugar, o Locutor sustenta o efeito de verdade que caracteriza os enunciados dessa natureza. Entretanto, sabemos que esta autorização se dá por ser um falante constituído e determinado pelo saber lingüístico.

Apesar de não se tratar mais de um l-lexicógrafo, os enunciados definidores do Dicionário Informal continuam a se representar como um enunciador-universal, porém não mais do lugar da ciência, visto que ao se colocar como um dicionário informal já se inscreve na *informalidade* e não na *ciência*, podendo inclusive ser questionado (imaginário que não funciona em relação ao dicionário tradicional como vimos anteriormente). Este enunciador-universal representa o dizer da verdade não mais da ciência, mas da própria língua enquanto lugar de saber.

Além do enunciador-universal, vemos representado também nesta cena um *enunciador-genérico*, visto que nas próprias definições aparecem termos que apontam para um dizer constituído e repetido por um “todos”, como a inserção do adjetivo *interessera* em relação ao hiperônimo *mulher* em “maria gasolina”, que traz para a cena uma ideia que parece ser um consenso que circula socialmente, sem que possamos identificar sua origem, representando-se assim como *um dizer fora da história*.

Podemos observar ainda diferenças em relação aos dois dicionários no que diz respeito à linguagem utilizada, pois observamos que o *Dicionário de Gírias* procura utilizar uma linguagem mais “neutra”, evitando palavras de baixo calão, ou ainda produzindo uma modalização, para atenuar a carga semântica negativa que caracteriza estas expressões, visto que este espaço, sendo determinado pelo discurso da ciência, não poderia conter questões polêmicas que abrissem para qualquer questionamento. Já o *Dicionário inFormal* por ser um instrumento construído por diferentes sujeitos que enunciam enquanto falantes determinados pelas línguas que falam, observamos a presença de palavras de baixo calão, alto índice de palavras depreciativas, consideradas ofensivas, além de trazer algumas questões polêmicas.

Observamos assim, uma diferença bastante grande entre os dois espaços definidores, visto que no primeiro há um compromisso com o rigor científico e com a verdade no momento em que busca descrever a língua, enquanto no segundo, o compromisso não é com este rigor, mas com o saber partilhado entre os falantes que constroem este dicionário. Essa diferença é bastante interessante para nosso trabalho, pois nos permite observar de forma clara quais os memoráveis que estas expressões recortam, ao aparecerem em definições espontâneas que refletem de modo mais próximo o modo como essas expressões são utilizadas pelos falantes e o modo pela qual elas incidem sobre e constituem os sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após apresentarmos a descrição morfossintática e análise semântico-enunciativa das expressões *maria-gasolina* e *zé-ninguém*, podemos dizer que estas podem ser consideradas *expressões nominais*, construídas a partir da composição de um nome próprio

mais um segundo termo (um nome comum no primeiro caso e um pronome indefinido no segundo), sendo que o nome próprio neste processo deixa de funcionar como tal, ou seja, deixa de particularizar um indivíduo como sua referência e passa a ser a base para a construção da expressão que produzirá uma designação genérica.

Nesta construção, como vimos, o nome próprio funciona como o termo genérico, designando assim mulheres de modo geral, no caso de *Maria* e homens de modo geral, no caso de *Zé* e o termo que ocupa a segunda posição produz uma especificação sobre o primeiro, *gasolina* especifica *mulheres que gostam de homens que têm carro e ninguém* especifica *os homens que não têm notoriedade social*.

Em relação aos efeitos de sentido produzidos por estas expressões, foi possível observar os memoráveis que recortam e determinam os enunciados em que ocorrem, a partir da constituição do DSD das expressões *maria-gasolina* e *zé-ninguém* e da descrição da cena enunciativa dos textos em que aparecem estas expressões. A primeira recorta o memorável da mulher como um ser movido por interesse, que usa a sedução como meio de ascensão social, a partir da relação com um homem que possa proporcionar esta ascensão. Já a segunda expressão recorta o memorável do indivíduo que não tem importância socialmente, o que é extremamente negativo no universo masculino, no qual se valoriza a posição social que se ocupa, ou as relações de poder capazes de estabelecer. O *zé-ninguém* seria assim um homem fracassado, que falhou no jogo social de disputa por poder.

BIBLIOGRAFIA

- BASÍLIO, M.. Processos gerais de formação. In: **Teoria lexical**. São Paulo: Ed. Ática, (8ª edição), 2007. Cap. 5, p. 30-40.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. **Cidadania: história e política de uma palavra**. Campinas: Pontes, RG Editores, 2006.
- GUIMARÃES, E.. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Domínio Semântico de Determinação. IN: MOLLICA, M. C. e GUIMARÃES, E. (orgs.) **A Palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- _____. A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 51.1, Jan./Jun. Pp. 49-68, 2009.
- HENRIQUES, C. C.. Relações entre neologia, eponímia e antroponímia. IN: ISQUERDO, A. N. e KRIEGER, M. da S. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. Pp. 43-51.
- LODOVICI, F. M. M. **O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua**. 2007. P. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.